



Letramento digital na educação de jovens e adultos: um olhar de possibilidades de ensino e aprendizagem

Digital literacy in youth and adult education: a look at teaching and learning possibilities

10.56238/cpahjournalv5n2-009

Ademilde Aguilar Moreira¹

RESUMO

Este artigo faz uma abordagem acerca da problemática possibilidade de se trabalhar o letramento digital na Educação de jovens e Adultos (EJA). Seu principal objetivo foi o de investigar as possibilidades de sucesso de se trabalhar o letramento digital neste nível de ensino para a aprendizagem dos educandos. Os procedimentos metodológicos utilizados foram de abordagem qualitativa, de natureza teórica (FLICK, 2013) em que foi feita um levantamento bibliográfico sobre temas como a Educação de Jovens e Adultos, letramento digital, inclusão digital, Educação e tecnologia, práticas digitais na EJA, Tecnologias da Informação e Comunicação. Para entender melhor a temática em foco, procuramos estabelecer um diálogo com as contribuições de Paulo Freire, Moacir Gadotti e Romão, Roxane Rojo e outros autores. De acordo com a pesquisa realizada foi possível perceber que os educandos da EJA, apesar de apresentarem certa dificuldade para lidar com o computador e outras ferramentas digitais, conseguiram através destas, produzir textos e expressarem sentimentos de autoestima e motivação para permanecerem na escola.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Letramento digital; Práticas digitais na EJA.

ABSTRACT

This article takes an approach about the problematic possibility of working the digital literacy with Youth and Adult Education (EJA). The main objective was to investigate the possibilities of success to work the theme at this level of teaching for learning of the students. The methodological procedures were qualitative, theoretical (FLICK, 2013) in which a bibliographic survey about topics such as Youth the Adult Education, digital literacy, digital inclusion, Education and Technology, digital practices in the EJA, Information and Communication Technologies(TICs) in the EJA. We were trying to stablish a dialogue with the contributions of Paulo Freire, Moacir Gadotti and Romão, Roxane Rojo and others. According to the research, it was possible to realize that the students of the EJA, but they presenting some difficulty to deal with the computer and other digital tools, but they are able through these, to produce texts and express feelings of self-esteem and motivation to stay in school.

Keywords: Youth and Adult Education; Digital Literacy; Digital practices in the EJA

¹ Mestranda em Educação



1 INTRODUÇÃO

Pensar o letramento digital no currículo é necessário e desafiador atualmente, pois o professor está perdendo espaço na sala de aula para as tecnologias, além de enfrentar desafios como a mudança de perfil do estudante, precisa-se de preparo pedagógico e nova postura metodológica para ensinar e aprender frente às novas exigências que vem sendo colocadas pela sociedade moderna.

Vimos uma grande preocupação em Freire (2019, p.19), que é a mesma de toda pedagogia moderna: “Uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política”.

Por conta do alto consumo cada vez maior de dispositivos de informação e comunicação, como celular, tablete, chromebook, por crianças, adolescentes e adultos, vimos a necessidade de explorar em sala de aula esses instrumentos, de modo que o uso desses aparelhos passe de simples passatempo para uma poderosa e facilitadora ferramenta na aquisição de conhecimento. Desse modo, o destaque para esta leitura de realidade é a Educação de Jovens e Adultos, o que justifica a presente pesquisa, a qual nasce em decorrência de nossa trajetória profissional na Educação de Jovens e Adultos II (EJA II) na rede municipal de ensino no município de Campinas, SP, iniciada no ano de 2002 na EMEF/EJA Violeta Dória Lins, sem quase nenhum direito à escolha, porque eram poucas as vagas ofertadas durante o processo, conhecendo apenas o ensino fundamental regular, foi impactante a diferença encontrada naquele ambiente (sala de aula), totalmente novo para mim.

Atuando atualmente na EEI/EJA Dr. João Alves dos Santos, onde a clientela jovem na sua maioria e, no geral de faixa etária variando de 15 a 65 anos, alguns que abandonaram a escola há 20, 30 ou mais anos atrás, pelos mais diversos motivos, apresentando dificuldades na leitura e na escrita, mas com experiências de vida. Conhecemos a realidade do adulto educando, através de relatos de vida trazidos para a sala de aula.

Diante dessa realidade, foi definido como problemática da pesquisa: Se é possível trabalhar o letramento digital na EJA, com possibilidades de sucesso na aprendizagem dos educandos? Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo foi investigar as possibilidades de sucesso de se trabalhar o letramento digital neste



nível de ensino para a aprendizagem dos educandos. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre uma curta trajetória da EJA no Brasil e temas como a Educação de Jovens e Adultos, letramento digital, inclusão digital, Educação e tecnologia, práticas digitais na EJA, Tecnologias da Informação e Comunicação.

Se recorrermos à história da educação no Brasil, tomamos conhecimento que por muito tempo, parcela de sua população esteve completamente às margens do Sistema educacional. Neste cenário, pode-se destacar a Educação de Jovens e Adultos que, Segundo Haddad e Di Pierro (2000), em estudos que retratam a educação de jovens e adultos desde o Brasil colônia até os dias atuais, não houve avanços e esta sempre foi tratada como uma extensão do ensino fundamental para crianças, sendo que o ensino Supletivo só veio a ser regulamentado no capítulo IV da LDB 5.692/71.

Segundo (JULIÃO; BEIRAL; FERRARI, 2017) nas duas últimas décadas a partir da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96) e parecer CNE/CEB nº 11/2000 a EJA ganhou mais visibilidade, porém o esforço para seu estabelecimento foi tímido, a oferta foi descontínua por motivos diversos. Houve avanços e retrocessos, na política implementada; conquistamos importantes normativas que regulamentam a execução da política de EJA, porém, por outro lado, não foi efetivada na prática. Além da redução de matrículas, discute-se a qualidade do ensino ofertado no país. Foram criados muitos programas e formas de acesso, mas a EJA ainda não se constituiu.

Embora, haja registros de retrocessos nesta modalidade de ensino, para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico, com abordagem metodológica qualitativa, analisando os resultados das pesquisas dos autores citados sobre as possibilidades de inserir o letramento digital na aprendizagem dos educandos na Educação de Jovens e Adultos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Conforme Almeida e Valente (2012), é possível concretizar na prática uma nova visão de currículo, por meio da construção de narrativas digitais, ainda que a criação de um novo futuro da sociedade se mostre embrionária.

Conforme Santos (2016), refletir sobre a EJA na sociedade da informação é refletir antes sobre o direito ao conhecimento. Ao escrever sobre a educação



de adultos na sociedade da informação, (FLECHA e ELBOJ, 2000, p.147 apud SANTOS, 2016) mencionam as tentativas de teóricos para definirem essa sociedade e consideram que uma questão já se apresenta clara. Trata-se do aumento da importância social e econômica da educação e da informação em uma sociedade que passou a ser definida como sociedade do conhecimento. Consideram que, nesta visão, o discurso da educação não é apenas psicopedagógico, mas econômico e social devido à estreita relação entre a economia, a sociedade e a cultura.

De acordo com o Parecer CNE/CEB 11/2000, as novas competências exigidas pelas transformações da base econômica do mundo contemporâneo, o usufruto de direitos próprios da cidadania, a importância de novos critérios de distinção e prestígio, a presença dos meios de comunicação assentados na microeletrônica requerem cada vez mais o acesso a saberes diversificados (BRASIL, 2000, p. 8-9).

O problema aqui investigado, se resume na possibilidade de se trabalhar o letramento digital na aprendizagem dos educandos na Educação de Jovens e Adultos. Para entender melhor a temática em foco, procuramos estabelecer um diálogo com as contribuições de Paulo Freire, Bernadete A. Gatti, Moacir Gadotti e Romão, Roxane Rojo, Viviane Curto, Carlos Rodrigues Brandão, Álvaro José Pereira Braga, Júlio César Pereira, Flávia Andrea dos Santos, Edgar Morin, Maria Elizabeth B. Almeida e José Armando Valente, Marilda Coelho da Silva e Lígia Maria Monteiro e Antonio Moreira e Eliane Schlemmer.

Freire (1992) chama a atenção para o fato de que o processo de conhecer faz parte da natureza da educação e há a necessidade de qualquer educando e educador conhecer as origens históricas da tecnologia, assim como o de tomá-la como objeto de sua curiosidade e refletir sobre o indiscutível avanço que ela implica, mas, sobre os riscos a que nos expõe e cita Neil Postman (1992) ao advertir que o avanço da tecnologia é sem dúvida, não apenas uma questão atual, mas também vital de nosso tempo e que não se resume a apertar parafusos, mas, parece ser fundamental para o homem, quer seja mecânico ou físico, pedagogo ou pedreiro, marceneiro ou biólogo, é a assunção de uma posição crítica, vigilante, indagadora, em face da tecnologia, sem de um lado demoniologizá-la, nem de outro, divinizá-la.



A complexidade da vida moderna e o exercício da cidadania plena impõem o domínio de certos conhecimentos sobre o mundo a que jovens e adultos devem ter. Para tanto é necessário superar a visão utilitarista da educação de jovens e adultos com base na suposição de que os interesses dos educandos limitem-se às experiências e necessidades imediatas. Nesse sentido, segundo Freire (2000, p.42), “Mudar é difícil, mas é possível)” e cita:

Se é possível obter água cavando o chão, se é possível enfeitar a casa, se é possível crer desta ou daquela forma, se é possível nos defender do frio ou do calor, se é possível desviar leitos de rios, fazer barragens, se é possível mudar o mundo que não fizemos, o da natureza, por que não mudar o mundo que fazemos, o da cultura, o da história, o da política? (FREIRE, 2000, p.44).

Conforme Gadotti e Romão (2001), não se pode deixar de se considerar o conceito de EJA (Educação de Jovens e Adultos) que amplia-se ao integrar processos educativos desenvolvidos em múltiplas dimensões como, por exemplo, a do conhecimento, das práticas sociais, do trabalho, do confronto de problemas coletivos e da construção da cidadania e, que esta educação permite a compreensão da vida moderna em seus diferentes aspectos e o posicionamento crítico do indivíduo face à sua realidade.

Nesse sentido, educação, segundo Freire (2000), não deve se resumir no ensino de conteúdos, mas que desafie o educando a aventurar-se no exercício de não só falar da mudança do mundo, mas de comprometer-se com ela e que possibilita a discussão da natureza mutável da realidade natural como da histórica e vê homens e mulheres como seres não apenas capazes de se adaptar ao mundo, mas, sobretudo de mudá-lo, seres curiosos, atuantes, falantes e criadores. Deve-se ainda propiciar o acesso ao conhecimento socialmente produzido que é patrimônio da humanidade.

Gatti (2013) evidencia a partir de pesquisas, a condição precária da formação de professores e seu descompasso em relação aos movimentos emergentes no mundo societário. Ela coloca a seguinte questão: Por que mudanças profundas e reais não ocorrem na educação, se há muito tempo e por muitos estudos, tem-se falado na crise educacional, pelas suas fragilidades formativas? Por que a teoria exposta nas propostas e debates políticos não coaduna com a prática?



Braga (1996) cita INEP (1992:4) para afirmar:

Uma massa considerável de excluídos do sistema formal de ensino seja por se encontrar em acesso a escola, acaba por se defrontar com condições de vida precárias, seja por ter tido acesso a uma escola de má qualidade, ou mesmo não ter tido a necessidade de realizar sua escolaridade, já como adolescentes ou adultos para sobreviver em uma sociedade onde o domínio do conhecimento ganha cada vez mais importância.

É nesse contexto, que segundo Freire (2000, p.41), “é na inserção no mundo e não na adaptação a ele, que nos tornamos seres históricos e éticos, capazes de optar, de decidir, de romper”.

Freire (2019) coloca o seu projeto político-pedagógico na perspectiva de “reinvenção” da sociedade, processo consubstanciado pela participação daqueles que encontram-se imersos na “cultura do silêncio”, submetidos à condição de objetos ao invés de sujeitos históricos. Neste sentido entende-se que, para uma “leitura crítica da realidade”, torna-se cada vez mais fundamental uma compreensão crítica sobre as interações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), considerando que a dinâmica social contemporânea está fortemente marcada pela presença da ciência e tecnologia.

Considerando-se o fato de que já somos parte de uma sociedade digital ou provavelmente, caminhando para tal, visto que a presença das ferramentas tecnológicas no nosso cotidiano é grande, na escola prevalece em potencial, a aula tradicional. Como é possível isso? Se hoje adolescentes, jovens e adultos chegam para a escola com experiências de acesso à tecnologia móvel, independente da classe social?

Segundo Pereira (2011), os estudos mostram que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na educação podem influenciar na construção do conhecimento, melhoria na escrita, pois o próprio aluno pode corrigir erros de ortografia na ferramenta digital, e que a informática utilizada na EJA, além de promover a inclusão digital, desperta mais curiosidade no aluno, pela dinâmica possível, eleva a autoestima, por ser mais uma ferramenta de inclusão social e do saber, acaba com o medo de se utilizar o computador, o que faz com que o aluno compre e passe a usar em casa, promoção no trabalho, possibilitará melhorias nas condições de ensino e aprendizagem dos seus educandos.



Rojo (2013) faz importantes considerações referentes à Pedagogia dos Multiletramentos. Ela alega que no nosso cotidiano e sociedade pós-moderna usamos signos mediadores o tempo todo em práticas diferenciadas, mas não valorizadas pela escola e, já praticamos diferentes formas de letramento e não nos damos conta, por exemplo, ao pagarmos uma conta com o cartão, ao fazermos leitura em sala de aula, o trabalho da pessoa quando deixa um pacote de bala no retrovisor do carro na rua, pedindo para comprarmos. Segundo Rojo (2013), a prática do letramento envolve diferentes culturas, e diferentes contextos culturais e, que a escola precisa contemplar as culturas locais e da comunidade, citando o jornal, a divulgação científica e fala da multimodalidade que significa trabalhar texto escrito, rap, imagem, leitura e legenda de mapa, game, edição de vídeos, o protagonismo do aluno é importante.

Rojo (2013) defende que os multiletramentos têm características importantes: Eles são interativos, colaborativos, eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas; em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos verbais ou não). Eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e cultura).

Segundo Santos (2016), talvez o maior desafio de se analisar as tecnologias digitais na prática pedagógica é o fato de que estas tecnologias têm por natureza romper com as paredes da sala de aula, com os muros da escola. “Mas, assim também é a EJA, ela necessita ir além da sala de aula e dialogar com a sociedade. A inserção das tecnologias digitais na EJA pode intermediar este diálogo”.(SANTOS, 2016). Pensamos que a explicação da citação, se dá pelo fato dos educandos da EJA, ao experimentarem as ferramentas digitais na escola, ganham mais confiança no seu manuseio e passam a enxergar o mundo através destas.

Segundo Brandão (1995, p.7), ninguém escapa à educação; em casa, na rua, na igreja, na escola; aprender, ensinar a ensinar e ensinar a aprender, para saber fazer no convívio diário e já que “ninguém escapa da educação”, seria bom ao menos compreendê-la. Nem sempre houve escola e nem sempre ela foi do jeito que a conhecemos. Em vários momentos da história, tipos diversos de sociedades criaram diferentes caminhos para percorrer a estranha aventura de lidar com o saber e os poderes que ele carrega consigo.



Conforme Curto (2011), ao discutir as tecnologias digitais vinculadas à aprendizagem, a compreensão que mais se destaca na fala dos professores entrevistados é de que a aprendizagem é o resultado do ensino, de um ensino que ocorreu subsidiado pelas tecnologias. Ou seja, é o uso das tecnologias que ajuda a promover uma boa aula, que por sua vez resulta na aprendizagem do aluno.

Curto (2011) busca investigar como o letramento digital é abordado na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os resultados da pesquisa mostram que a escola parece ser o local onde o público dessa modalidade de ensino tem acesso ao computador e seus recursos, além de ser uma ponte de acesso tanto à escrita quanto ao uso do computador. Fora desse local, os alunos jovens e adultos, em geral, têm participação reduzida e até mesmo nula em práticas letradas que envolvem a escrita impressa e/ou digital, o que explica esta realidade, é o argumento das alunas que são mães, ao falar que elas preferem investir em cursos de informática para os filhos, por acreditar que este seja o caminho para um futuro melhor para eles, também pelo baixo poder aquisitivo, não possuem um computador ou outra ferramenta digital, as duras rotinas de trabalho e o pouco uso da escrita que eles fazem no cotidiano.

Os dados da pesquisa, segundo Curto (2011), revelaram que, de fato, existe uma diferença entre os desempenhos dos alunos jovens e dos idosos, mas tal distinção não torna o rendimento de um melhor do que o do outro. Esta pesquisa busca investigar como o letramento digital é abordado na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os resultados da pesquisa mostram que, em contexto de EJA a prática situada no computador pode se constituir como um instrumento eficaz para o aprendizado sobre o uso dessa tecnologia.

Segundo Monteiro (2014) que não vê muitas possibilidades de sucesso de letramento digital na EJA, se a proposta da EJA Digital for analisada pela ótica da educação para todos, ela pode ser agrupada nas práticas educativas de inclusão, pois fica responsável por receber e se responsabilizar pela aprendizagem dos que não conseguiram sucesso dentro do processo regular de ensino, o que seria repetir o processo de alijamento escolar existente nas escolas brasileiras desde seus primórdios. Porém, ela não descarta num futuro próximo, oferecer para os municípios de Santos os espaços escolares abertos



com propostas de educação permanente partindo, talvez, da semente da EJA Digital.

Segundo Moreira e Schlemmeler (2020), a tecnologia sozinha não muda as práticas pedagógicas, sendo que para maximizar os benefícios da inovação tecnológica, principalmente os que se referem às tecnologias digitais (TD), importa alterar a forma como se pensa a educação. Significa dizer, que é necessário saber utilizar a tecnologia com disciplina, não basta ter o instrumento, saber ligar e desligar, mas sim, saber utilizá-lo de modo crítico e formativo.

Para abrir-se para “novas educações”, o homem deve ser criativo, reflexivo, curioso, investigador e ser capaz de atender às novas exigências postas pela contemporaneidade e consciente de que com as mudanças tecnológicas, os conhecimentos mudam todos os dias e que o saber é provisório, como defende Morin (2000) os princípios da instabilidade.

Segundo Silva (2015), para que todos os sonhos para EJA se tornem realidade, faz-se necessário políticas públicas que contemplem a aquisição de equipamentos tecnológicos, a exemplo de laboratórios de informática nas escolas para que a prática de letramento digital possa se efetivar e os educandos possam se inserir no mundo digital de forma mais sistemática. Tais experiências e práticas pedagógicas que contemplam a realidade tecnológica social que coadunam com mudanças na qualidade da educação, principalmente favorece a permanência dos educandos na escola, contribui na recuperação da autoestima dos educandos, possibilitando o desenvolvimento e autonomia dos mesmos para apropriarem-se das tecnologias e usá-las não só na escola, mas no meio social que estão inseridos. Dessa forma, motivando-os, para ingresso e permanência na escola.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizamos um levantamento bibliográfico sobre o tema Educação de Jovens e Adultos e letramento digital, constatamos uma realidade promissora, com possibilidades de sucesso na aprendizagem dos educandos deste nível de ensino. Além disso, percebe-se que em contexto de EJA a prática situada no computador pode se constituir como um instrumento eficaz para o aprendizado.

O diálogo com a maioria dos autores desvelou uma realidade possível de se realizar, apresentando resultados como motivação do aluno, permanência na



escola, construção da aprendizagem e do conhecimento, mostrou elevação da autoestima, maior segurança para manusear os instrumentos digitais, inclusão social e digital, melhorias no trabalho e autonomia.

Destacamos aqui que está longe de conquistarmos o pleno sucesso de ensino e aprendizagem fazendo uso da tecnologia em sala de aula da EJA, porém continuaremos na busca da reinvenção da sociedade, do ensino e da aprendizagem.



REFERÊNCIA

- Almeida, m. E. B.; valente, j. A. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. Currículo sem fronteiras, 12(3), 57-82. Set/dez 2012.
- Braga, a. J. P. Do mobral ao computador: a implantação de um projeto de informática educativa na educação de jovens e adultos. Campinas, sp, 1996. 152p. Dissertação (mestrado em educação na área de metodologia de ensino) - faculdade de educação, unicamp.
- Brandão, c. R. O que é educação. São paulo: editora brasiliense, 1995.
- Brasil. Constituição da república federativa do brasil de 1988. Brasília: senado federal, centro gráfico, 1988.
- Conselho nacional de educação. Parecer cne 11/2000. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. Brasília, df: cne, 2000b.
- Lei 9394/1996. Lei de diretrizes e bases da educação. Brasília, df: câmara dos deputados, 1996.
- Curto, v.g. o acesso às práticas de letramento digital na educação de jovens e adultos. Dissertação (mestrado) - universidade estadual de campinas, instituto de estudos da linguagem de campinas, sp. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/reposip/269331>. Acesso em: 10 de jul.2020.
- Flick, u. Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes. Tradução: magda lopes; revisão: dirceu da silva.- porto alegre: penso, 2013.
- Freire, p. Pedagogia do oprimido. 70. Ed. Rio de janeiro: paz e terra, 2019.
- Freire, p. Desafios da indignação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica. In: freire, p. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São paulo: editora unesp, 2000. P.40-46.
- Freire, p. Pedagogia da esperança. São paulo: paz e terra, 1992.
- Educação como prática da liberdade. 45. Ed. São paulo: paz e terra, 2019.
- Gadotti, m.; romão, j. E. (orgs) educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. 3. Ed. São paulo: cortez: instituto paulo freire, 2001.(guia da escola cidadã; v. 5).
- Gatti, b. A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. Educar em revista, curitiba, brasil, n. 50, p. 51-67, out./dez. 2013. Editora ufpr
- julião, e.f.; beiral, h.j.v.; ferrari, g. M. As políticas de educação de jovens e adultos na atualidade como desdobramento da constituição e da ldb. Unisul, tubarão, v. 11, n. 19, p. 40-57, jan/jun 2017.



Haddad, s.; di pierro, m. C. Escolarização de jovens e adultos. Revista brasileira de educação, nº. 14, mai/jun/jul/ago, 2000, p. 108-194.

Monteiro, I. M. D. B. C. A educação de jovens e adultos digital: estudo de caso de uma metodologia como possibilidade emancipadora. (dissertação de mestrado) - universidade católica de santos, 2014.

Moreira, a.; schlemmer, e. "por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife", revista ufg, 20(26). <https://doi.org/10.5216/revufg.v20.63438>; 2020.

Morin, e. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São paulo/brasília, cortez/unesco, 2000.

Pereira, j.c.m. os impactos na vida dos educandos da educação de jovens e adultos a partir do acesso à informática na escola. 2011. Disponível em: http://btdt.ibict.br/vufind/record/ufmg_34e41e10e3a665f703380f2b2625324b acesso em: 04 de jun.2020.

Rojo, r. Pedagogia dos multiletramentos. Este vídeo foi produzido pelo programa escrevendo o futuro para o curso on-line caminhos da escrita. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=irfrh3z5t5w>. Acesso em: 13 de jun.2020.

Santos, f. A. O professor e as tecnologias digitais na educação de jovens e adultos: perspectivas, possibilidades e desafios. / flávia andréa dos santos. – recife: o autor, 2016. disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/17422/1/disserta%c3%87%c3%83o%20fl%c3%a1via%20andrea%20dos%20santos.pdf>. Acesso em:

Silva, m. C. Letramento digital na educação de jovens e adultos em esperança - pb. 2015. 97f. Dissertação (programa de pós-graduação profissional em formação de professores - ppgpfp) - universidade estadual da paraíba, campina grande.